

## A MORTE POR ESCRITO: BREVE REFLEXÃO SOBRE A MORTE E O MORRER NO LIVRO DIZEM QUE OS CÃES VEEM COISAS, DE MOREIRA CAMPOS

*José Airton Nascimento Diógenes Baquit*

### Introdução

Moreira Campos é um dos escritores mais destacados do nosso estado, porém não fica limitado a nível local. Sua produção atingiu renome nacional, sendo incluído nas referências de grandes mestres da literatura cearense. José Maria Moreira Campos é filho de Francisco José Gonçalves Campos (1882 – 1930) e Adélia Moreira Campos (1885 – 1932). Nasceu em Senador Pompeu em 1914, mas fez carreira na cidade de Fortaleza, percorrendo trajetória acadêmica na Universidade Federal do Ceará. Foi professor, Pró-Reitor de Graduação, chefe do departamento de letras, decano do centro de humanidades e coordenador dos encontros literários na faculdade de letras da UFC. Sua estreia na literatura aconteceu com a publicação de **Vidas Marginais** em 1949, livro importante para sua futura participação no rol de renomados intelectuais brasileiros. José Olympio, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa são exemplos de amigos que a narrativa proporcionou.

Moreira Campos participou de várias antologias nacionais, tendo seus contos traduzidos em francês, italiano, inglês, alemão e hebraico. Sua produção mais extensa, porém, é através de seus próprios livros: **Vidas Marginais** (1949), **Portas Fechadas** (1957), **As Vozes do Morto** (1963), **O Puxador de Terço** (1969), **Contos Escolhidos** (1971), **Contos** (1978), **Os Doze Parafusos** (1978), **A Grande Mosca no Copo de Leite** (1985) e **Dizem que os cães veem coisas** (1987). Também faz parte de sua autoria o livro **A Gota Delirante** (2014), obra publicada vinte anos após sua morte, em 1994. Os contos da obra Moreiriana possuem alguns aspectos recorrentes como, por exemplo, a capacidade de observação social e a retratação da vida da classe média, mantendo um determinado equilíbrio narrativo e possuindo “um elo no conteúdo emocional em todos eles, de emoções verdadeiras, puras, sinceras e profundas” (SOMBRA, 2007, p. 77).

A paixão pela literatura surgiu desde cedo, conforme relata a sua neta Caterina Saboya de Oliveira (2007) no livro intitulado **Moreira Campos**. Seu avô tinha em casa um ambiente propício à leitura. A mãe era uma espécie de poetisa doméstica e o pai colaborava com alguns jornais do Rio de Janeiro. O primeiro soneto lhe visitou aos 13 anos, mas ele só recordava um pequeno trecho.

E ainda mais triste se tornando o instante  
Na esguia torre da matriz distante  
O sino plange o funeral do dia...

A história e os versos sempre seduziram Moreira Campos. Ainda de acordo com Oliveira (2007), foi a sedução do escritor pela palavra que o levou a descobrir as leituras da infância e da adolescência de sua época, como **Os Três Mosqueteiros**, **O Conde de Monte Cristo**, **Vinte anos depois**, **O Visconde de Braggelone**, **O Guarani**, **O Moço Loiro**, **As Pupilas do Senhor Reitor**, **Inocência**, além de outros. Essa mesma sedução também o levou, tempos depois, a participar do ciclo cultural da época, com nomes e eventos que ficariam marcados na literatura do Ceará e até mesmo do Brasil.

É a época da fundação da Escola Moça de Cultura (1934), ao lado de companheiros do Liceu: Yaco Fernandes, Murilo Mota, Germano Mota, Marcos Botelho, Antônio Girão Barroso, Walter e Ari de Sá Cavalcante, Albano Amora e outros. O empreendimento não vai longe, mas cria uma razão para discussões literárias e políticas nos cafés em torno da Praça do Ferreira, dos quais a boêmia literária somente se retira com o último bonde (OLIVEIRA, 2007, p. 52).

É, através do encantamento com as leituras e as palavras iniciais, que Moreira Campos, anos depois, permeado por lembranças e sentimentos, vai escrever um poema onde os irmãos são os personagens principais, já adentrando em um tema que acompanharia sua escrita em uma constância bastante significativa: a morte.

### Minhas Sombras

Como gostar de festas,  
se logo se apresentam  
e são convivas os meus mortos,  
que antes já habitavam a dor  
e a conformação?  
Nem sei bem onde estão enterrados,  
Se eu mesmo tive necessidade de braçadas fortes  
Para não soçobrar; de todo.  
Minha irmã  
(primeira companheira de brinquedos)  
cancelou-se aos cinco anos  
e morreu aos quarenta  
de solidão e desamparo,  
e é espinho longo e agudo  
profundamente engravado,  
profundamente,  
no mais sensível da carne  
(como encarar seus olhos magoados?).  
Nesta noite de Natal,  
é de sangue, silêncio e queixa  
(porque nem sequer terá direito à revolta)  
o leito de meu irmão  
na ala anônima do hospital.  
De resto, nasci com a consciência  
de que a dor é geratriz da vida.  
A dose de uísque  
Tornar-me-ia apenas mais absurdo.  
Como gostar de festas  
se eles estão presentes  
e são convivas deste estranho banquete?

### Sobre a morte e o morrer e a sua problematização com a narrativa de Moreira Campos

No livro **A solidão dos Moribundos**, Norbert Elias (2001) relata que a morte é um dos grandes questionamentos e perigos da vida humana. Neste sentido, os bastidores da vida social são ampliados, recebendo cada vez mais a morte enquanto processo e imagem mnemônica. A morte é empurrada para as esferas mais individualizadas da sociedade e os moribundos são isolados, sendo possível pensar em uma morte mais

privatizada. Essa morte isolada nos remete a um passado, por diversas vezes, idealizado, onde a morte era uma questão muito mais pública do que hoje, preservando algumas características peculiares de outros séculos. É quase inevitável, portanto, não pensar que os moribundos foram afastados de “maneira tão asséptica para os bastidores da vida social; nunca antes os cadáveres humanos foram enviados de maneira tão inodora e com tal perfeição técnica do leito de morte à sepultura” (ELIAS, 2001, pág. 30/31).

A questão da morte mais pública, em outros períodos, pode formatar um pensamento sobre um passado mais humano, fraterno e familiar, gerando uma proximidade romântica com o passado, o que não indicaria muitas possibilidades de pensar sobre a morte, pois “o quadro preto e branco pintado com o sentimento do ‘bom passado, mau presente’ não serve a qualquer propósito. A questão principal é como e por que era assim, e por que se tornou diferente” (ELIAS, 2001).

Essa relação do sujeito com a morte também pode ser percebida, segundo Foucault (1979), através da medicina, que apresenta seu lado individualista e valoriza as relações médico-doente. Contudo, esta relação não deve ser pensada somente nesse caráter individualista, de mercado, ligada especificamente ao fator econômico. Deve existir a preocupação em torno da dimensão global, da dimensão coletiva da sociedade, onde se pode pensar que “(...) a medicina moderna é uma medicina social que tem por background uma certa tecnologia do corpo social (...)” (FOUCAULT, 1979, p. 79).

Tal medicina do corpo social será complementada com o surgimento do hospital, onde ressurgirá a questão do indivíduo versus sociedade, pois há todo um mecanismo de disciplina hospitalar que busca assegurar a vigilância, a disciplinarização e o esquadrinhamento do doente e da doença. Essa disciplina mostra a intervenção sobre o moribundo, em uma questão bem mais ampla do que simplesmente excluí-lo da sociedade, já que o hospital-exclusão passa por diversas modificações. É nesse período que aparece, por exemplo, o médico de hospital, invenção do final do século XVIII.

A partir desses argumentos anteriormente postos, uma pergunta torna-se relevante: como a morte é representada no livro **Dizem que os**

**cães veem coisas?** O que essa obra literária pode dizer sobre a morte? O que a narrativa de Moreira Campos indicia sobre o morrer? Para Walter Benjamin (1985), a narrativa possui relação com a morte, pois é, no momento da morte, que o homem assume uma forma transmissível de sua existência vivida, assim como seu saber e sua sabedoria. É daí que surge a autoridade que mesmo um desvalido detém, pois:

no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo que lhe diz respeito àquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade (BENJAMIN, 1985, p. 208).

Como essa autoridade dos sujeitos diante da morte é retratada na obra de Moreira Campos? De que forma o autor estabelece essa autoridade narrativa diante da morte? Como a morte é pensada pelo escritor? Batista de Lima (1993), em sua análise temática sobre a obra do autor, destaca que há uma ligação íntima entre os personagens de Moreira Campos e a morte, sendo a morte um dos elementos que mais percorrem a narrativa do contista, apresentando algumas possibilidades de interpretação. Porém, quais elementos retratam essa morte? Há possibilidade de perceber a morte e sua configuração através de objetos? Os objetos podem dizer sobre os mortos e a morte?

Para Stallybrass (2012), os objetos podem ser referenciais de pertencimento e memória, principalmente a roupa, caso específico de sua pesquisa. Ao estudar sobre as vestimentas, o pesquisador destacou o poder particular da roupa em dois aspectos: sua capacidade de ser transformada e sua capacidade para durar no tempo, gerando certa contrariedade em relação ao seu aspecto material. A roupa pode, portanto, “estar poderosamente associada com a memória. Ou para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente” (STALLYBRASS, 2012, p. 14).

Não somente a roupa, mas diversos objetos tendem a estar em associação com a memória de algo ou alguém. Torna-se essencial um questionamento recorrente em relação à memória percorrida através de objetos: as pessoas não estariam sendo tratadas como coisas? Essa questão, porém, pode ser repensada, devido ao fato de que

Tornou-se um clichê dizer que nós não devemos tratar as pessoas como coisas. Mas trata-se de um clichê equivocado. O que fazemos com as coisas para devotar-lhes um tal desprezo? E quem pode se permitir ter esse desprezo? Por que os prisioneiros são despojados de suas roupas a não ser para que se despojem de si mesmos? Marx, tendo um controle precário sobre os materiais da autoconstrução, sabia qual era o valor de seu próprio casaco (STALLYBRASS, 2012, p. 80).

A morte tende, portanto, a apresentar algumas possibilidades de investigação que vão desde os objetos do moribundo até a sepultura, transitando por fatores históricos e sociais que são estruturas fundamentais para a compreensão da morte e do morrer. Mas quais desses elementos estão presentes na obra literária de Moreira Campos? Como esses elementos dizem sobre a morte e morrer nos contos do escritor? Quais dessas fontes configuram ou tendem a configurar a representação da morte em sua narrativa?

### **A morte: uma constante entre a multiplicidade de temas**

É importante destacar que a narrativa de Moreira Campos condensa uma multiplicidade de temas, os quais envolvem medo, suspense, amor e ódio. Apesar dessa multiplicidade temática, torna-se relevante destacar que há assuntos constantes em sua produção literária, como a questão da infidelidade, da solidão, da tentação e da morte, objeto de específico de nossa reflexão. O próprio escritor, em entrevista concedida à Antônia Albuquerque (1985), ressalta a importância dessa versatilidade. “Quanto mais versatilidade temática, melhor, parece-me. Quebra a monotonia. Insistir nos mesmos temas talvez seja falta de imaginação ou de criatividade”.

Dentre essas possibilidades temáticas, alguns itens permeiam intensamente grande parte das publicações do contista. É o caso da morte

e seu transitar pelos meandros da narrativa. Como esclarece Batista de Lima (1994, p. 45), “Eros e Tanatos são os extremos em que transitam os personagens da obra de Moreira Campos”, e a morte aparece em diferentes aspectos, seja através da alma, do pessimismo, do derrotismo ou do fracasso, não ficando reduzida enquanto desmaterialização do ser. É importante ressaltar que a forma dialética – em uma maneira que se repele em forma de desordem - não é exclusividade apenas de Eros e Tanatos, há outros elementos desordenadores na escritura de Moreira. É justamente na aproximação desses pólos que pode estar a enorme força humanizadora de Moreira Campos ao encurtar a distância entre o poderoso e o desvalido, o doente e o sadio, o agnóstico e o crente, a vida e a morte.

### **A morte e o morrer no livro Dizem que os cães veem coisas: algumas impressões.**

No conto intitulado *As Corujas*, o zelador de um necrotério vive falando sozinho, preocupado com a situação dos cadáveres:

É preciso cobrir os mortos, protegendo-lhes as cabeças. As corujas descem pela claraboia. Têm voo brando, impresentido, num cair de asas leves, como num sopro de morte. De repente, dá-se conta de sua presença, das asas de pluma sem ruído. Alteiam-se e pousam sobre o peito dos mortos, arranhando-lhes os olhos parados, que fulgem na noite, divididos ao meio. – Xô, praga! (MOREIRA CAMPOS, 1987, p. 41).

Quando o homem que chegou do interior e se hospedou no quarto da pensão veio fazer velório ao corpo descarnado do filho, ele lhe deu a lâmpada de pilhas e o advertiu para as corujas, Elas desciam pela claraboia, mesmo com a luz da lâmpada. Era preciso manter as velas acesas nos castiçais. Só assim as desgraçadas não vinham: temiam queimar as asas nas chamas. Ficavam rasgando mortalha no alto das velhas árvores ou na torre da capela. Sem a presença das velas, elas surgem sempre, impresentidas, como num sopro de morte: alteiam-se leves, pousam sobre o peito dos mortos e com o bico arrancam-lhes os olhos, que fulgem parados e indefesos na noite (MOREIRA CAMPOS, 2002, p. 42).

Esse conto aborda a questão da morte e do morrer na escrita de Moreira Campos, a exemplo de outras narrativas que também retratam a morte. É o caso de alguns contos mais conhecidos do autor: **Lama e folhas**, **O preso**, **Os meninos**, **A sepultura**, **Os doze parafusos**, **A mosca**, **A pasta e os sapatos**, **As três irmãs** e **Dizem que os cães veem coisas**. É possível perceber, nestes contos, mesmo de uma maneira ainda não sistematizada, o transitar da morte pela obra moreiriana, pois os contos citados foram publicados em livros diversos. Entretanto, apesar dessa percepção nítida da morte, não se pode afirmar sob qual perspectiva o autor trabalha essa questão. Que tipo de morte há prioritariamente em sua obra literária? Uma morte trágica, familiar ou relacionada às formas higiênicas de morrer em nossa sociedade? Quais os aspectos que estão relacionados à morte? Os objetos e a memória são elementos que indiciam algo sobre o morrer? Nada melhor do que os próprios contos para relevar tais aspectos.

No conto **O Preso**, é possível perceber uma morte mais relacionada à injustiça, pelo fato de Inácio ser de uma classe social menos abastada. A situação pode ser sintetizada da seguinte forma: Inácio, um velho mirrado e de pele escura, como ressalta Moreira Campos, aparece puxando um jumento entre dois soldados do destacamento. Ele foi preso por ter se exaltado após ser chamado de Carçoço, apelido que os meninos da rua elegeram, pois o velho tinha um lobinho na vista esquerda. O problema é que Inácio não se exaltou com qualquer indivíduo, tendo em vista que, no meio da molecada, estava o filho do doutor Targino, o juiz de direito. Inácio repetia em súplica: “Eu peço aos senhores. Me soltem, que eu não tenho paciência de ser preso. Nunca fui. É o que eu digo aos meninos lá em casa”. Não teve acordo. Foi preso em uma cela com grades para a praça. O jumento foi encostado no tronco de uma mangueira ali perto. Recluso em sua solidão, o velho pensava na mulher e nos filhos.

Aqui fica perceptível o peso que a honra e os preceitos morais e éticos adquirem nessa reclusão, fazendo com que Inácio não suporte tal sentença. É quando ele aborda, pelas grades, um garoto que passa ali em frente.

Inácio aproximou o caixão da janela e alçou-se até o peitoril. O menino que ia passando em frente à cadeia assustou-se vendo aquele braço escuro a acenar-lhe entre as barras de ferro:

- Tenha medo não, meu filho.
- Hem?



- Ouça. Aí mesmo na ponta da calçada.

- Que é?

Olhe, solte ali aquele jumento. Ele é meu. Quer se deitar e não pode. Tire o cabresto e me dê.

- Vai embora.

Faz mal não.

O menino obedeceu e entregou-lhe a corda pela janela.

Quando no outro dia pela manhã o soldado empurrou a porta pesada, Inácio pendia enforcado da grade da janela, o nó apertando-se no terceiro varão, o caixão caído ao lado (MOREIRA CAMPOS, 2002, pp. 35-36).

No conto **Os Meninos** é possível perceber o contraste entre a vida e a morte em um entrelaçamento entre finitude e início da existência. É que a velha da casa, no último suspiro, quis segurar à mão do menino, talvez este fosse um pedido de ajuda juntamente com uma pitada de preocupação sobre o futuro deles. É que ela ajudara a criar as crianças. Já estava debilitada, mas sempre recebia a marmitta que chegava lá do parente da casa rica e dividia para os garotos, sempre tangendo as moscas com a barra da saia. E agora? Quem cuidaria dos meninos? Quem ficaria com eles? Quem recolheria o seu próprio corpo estendido ali no chão? A menina e o menino apenas observavam, sem muita reação, sem entender os meandros do destino.

No último alento, vacilante, procurou agarrar-se à mão do menino. Os dedos magros escaparam, e ela caiu sobre a velha cama de ferro deixada no canto da sala escura, batendo com a cabeça, secamente, contra a parede. Teve estremecimentos e aquietou-se na posição ridícula: as pernas fora da cama, a cabeça forçada para a frente. Continuava a esvair-se pelas pernas, roída pela mesentérica. O menino, espantado, saltara para cima da mala e a menina recostou-se à parede, medrosa, os braços cruzados nas costas. Entreolhavam-se: eram válidos apenas os grandes olhos perplexos. As moscas voltavam a pousar, teimosamente, sobre as pernas e a saia da morta. Elas sempre a haviam perseguido em vida, quando ela parava pelos cantos da casa, esvaindo-se. Então, limpava as pernas com o pedaço de jornal, na área, ou se valia, no banheiro, da água na bacia de folha-de-flandres, que gotejava. Prosseguia por dentro de casa, esquecida, a mão apoiada à parede, e tangia as moscas com a barra da saia (...) (MOREIRA CAMPOS, 2002, p. 51).

O tema da morte ainda aparece em outros vários contos no livro **Dizem que os cães veem coisas**. É o caso, por exemplo, do conto **A Sepultura**, onde a morte aparece como uma possível tragédia, algo a ser desviado, uma vez que é retratada como um abismo. O conto retrata a viagem de dona Durvalina até Aracati, onde deveria despachar uma encomenda para São Paulo, pois vivia do comércio, principalmente de rendas e confecções. Acontece que o ônibus deu prego e ela pegou carona com um caminhão, que parou para abastecer. Após o caminhão seguir viagem, Durvalina pressentia algo estranho e imaginava os sons de ferramentas que vinham da carroceria. Foi informada, logo em seguida, de que precisavam parar perto da Lagoa do Saco da Velha para buscar madeiras empilhadas. Desconfiou. E a desconfiança aumentou com o som do pisca-pisca do veículo, que parecia ser um prenúncio. Aracati não estava tão longe. Fugiu. Voltou ao local na manhã seguinte, acompanhada do pai e de Epaminondas, o taxista, onde “(...) detiveram-se a examinar o grande buraco em forma de sepultura, os montes de terra ainda marcados pelas alpercatas dos homens, apesar da neblina da noite” (MOREIRA CAMPOS, 2002, p. 73).

A morte e o morrer em **Dizem que os cães veem coisas** também aparecem como condenação, vingança e memória relacionada aos objetos. Em o **Dia de Santa Genoveva**, a doente tinha certeza de que sofrera condenação por ter desviado a vocação do moço, configurando-se como um atentado a Deus, pois o pai do garoto quisera que ele fosse padre. Em **Os Doze Parafusos**, a morte aparece como vingança, pois a mulher tem várias crises por consequência das cavilações e cinismo do marido. Em uma dessas crises, ela retirou os doze parafusos de uma grade de ferro e saltou do oitavo andar, deixando os parafusos bem arrumados para que o marido visse e não tivesse mais dúvida. Já em **A Mosca** e **A Pasta e os Sapatos**, a morte aparece relacionada aos objetos do doente, com tudo aquilo que ele compartilhava. A morte não é percebida como assombro, mas como convívio, algo familiar, apesar de sua imposição silenciosa.

Por último, a morte aparece como a farsa misteriosa que pode chegar a qualquer momento. Em **Lamas e Folhas**, Dudu, o filho tão esperado, desaparece, deixando todos aflitos. A casa toda fica em desespero, somente correria e vozes. O pai, desesperado, apela para Sabino, funcionário do seu sogro. “Sabino, ouça-me, compreenda-me: mergulhe nas águas,

esvazie o tanque, mas não encontre o meu filho! Diga-me que só há lama e folhas (...)” (MOREIRA CAMPOS, 2002, p. 19). Sabino, porém, encontra o garoto, mas já é tarde. O próprio pai relata o inesperado ao se deparar com aqueles braços pendentes e os cabelos que gotejavam. A morte, aqui, aparece da maneira mais cruel e dolorosa. Também é assim em **Dizem que os Cães Veem Coisas**. Era dia de festa, havia muita conversa, comida e descontração. Ninguém percebeu quando Ela chegou, de forma silenciosa e imponente. Somente depois de algum tempo é que Lenita sentiu falta do filho, Netinho. Tudo era somente ausência.

Ela chegou diáfana, transparente, no vestido branco que lhe descia até os pés calçados pelas ricas sandálias de pluma. Ninguém lhe ouviu os passos. Sentou-se à beira da grande piscina, cruzando as pernas longas. Chegou antiquíssima, atual e eterna, com a sua cara de máscara. Moldada em gesso? Apenas uma presença, porque pousou como uma sombra. Mas por um fragmento de tempo, um quase nada, reinou entre todos um silêncio largo, que se estendeu pelo vasto terreno murado da mansão ensombrada pelas árvores, dominou a enorme piscina e emudeceu as próprias crianças pajeadas pelas babás de aventais bordados, e vejam que as crianças são indóceis (MOREIRA CAMPOS, 2002, p. 131).

As águas da grande piscina eram tranquilas, apenas levemente franjadas pelo vento. Boiava sobre elas uma carteira de cigarros vazia. Mas a moça que se aproximara parecia divisar um corpo no fundo, preso à escada. Voltaram a afastar Lenita, o marido a envolveu nos braços possantes, talvez procurando refúgio também. O campeão de vôlei atirou-se à piscina e veio à tona sacudindo com a cabeça os cabelos longos: trazia sob o braço um corpo inerte, flácido, de apenas quatro anos e de cabelos louros e gotejantes (MOREIRA CAMPOS, 2002, p. 133).

## Considerações finais

A reflexão sobre a morte e o morrer no livro **Dizem que os Cães Veem Coisas**, de Moreira Campos, demonstra o quanto o tema da morte está presente em sua narrativa. Apesar de ser possível encontrar uma multiplicidade de temas em sua produção literária, a questão sempre aparece com alguma centralidade. No livro aqui analisado, a morte aparece com

bastante destaque, variando sua forma (morte trágica, morte por vingança, morte por condenação, etc.). Portanto, ler Moreira Campos é também compreender aspectos sociais relacionados ao homem e ao mundo. E, dentro destes aspectos, encontra-se a recorrência da morte em seus escritos.

### Referências

ALBUQUERQUE, A. L. P. A versatilidade temática em Moreira Campos. **Rev. de Letras**, v. 8, n. 1, p. 151-165, 1985.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 4. ed. São Paulo: brasiliense, 1985.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, J. B. de. **Moreira Campos: a escritura da ordem e da desordem**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1993.

OLIVEIRA, C. de S. **Moreira Campos**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Tradução de Tomaz Tadeu. 4. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2012.

MOREIRA CAMPOS, J. M. **Dizem que os cães veem coisas**. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

SOMBRA, W. **Moreira Campos: professor de histórias e de amizade**. Fortaleza: Premius, 2011.